



# HORIZONTE INDELÉVEL

Lilian de Carvalho Soares

escrita espaço  
partida lacuna

*O artigo apresenta parte da tese Horizonte indelével, pesquisa em que a escrita e suas fábulas se confundem com a própria materialidade da obra, produzindo um emaranhado poético, construído em meio a um espaço que é lacunar. Proponho, então, entrelaçar a produção textual com a produção de vestígios que exploram um certo estado de partida, que a existência parece carregar.*

Não era um lugar fisicamente tangível. Não era um local de particular beleza. Ao contrário, tratava-se apenas de um ambiente de passagem. Nesse lugar, tantas vezes visitado, olhou-me como quem não compreende a própria existência e disse: “quero ir embora”. Perguntei: “para onde?”. Ao que respondeu: “não sei. Só sei que quero ir embora”.

INDELIBLE HORIZON | *The article addresses part of the thesis entitled Indelible Horizon. In this study the text and its fables merge with the materiality proper of the artwork, producing an almost indistinguishable poetic maze, built amidst a void. So I propose to interweave the textual production with the production of remnants that explore a certain state of departure, that existence seems to carry.* | **Text, space, departure, void.**

Como em um sonhar de olhos abertos, senti estar diante de um lugar infinitamente vazio, de sensação ao mesmo tempo marítima e desértica. Nele vejo o mar e, ao olhar para o horizonte encoberto, percebo sua linha que ora é visível, ora se desfaz. No vestígio de linha procuro uma embarcação que algum dia haveria, então, partido.

Há aqui algo que se apaga, mas que também resiste, como o rastro de um gesto, permeado de incomunicabilidade, ou o resíduo de uma linha movediça. Voltar para onde? Esse é o ponto de partida para o devaneio de um lugar imaginário, um emaranhado poético que se instaura entre minha prática artística e sua escrita.

Esta fabulação lacunar foi tecida a partir de fragmentos de um diálogo com minha avó, em um de seus momentos de ausência. Esses resquícios de fala tornaram-se um gatilho poético. Sua repeti-

ção incessante fez com que seu contexto fosse pouco a pouco se apagando, até que as palavras se tornassem apenas um balbúcio. Dentro desse espaço que se ia preenchendo de vazios, o eco dessa voz emudecia, distante em seu silêncio, e ao mesmo tempo mais próximo e mais tátil. À medida que seus traços se desfaziam, esse lugar se redesenhava em meu processo criativo, tornando-se intangível e inconstante, como uma espécie de linha intermitente.

A escrita está, então, tomada por dois eixos: um que é guia iluminador, como um farol no alto de um precipício, e outro que é o de um navegar perdido. Implica o desejo de uma escrita liberta que não apenas permita escrever vocábulos, mas que também proporcione a captura de pequenas insignificâncias tornadas imensuráveis. Escrever, ensina Blanchot, é se fazer eco do que não pode cessar de falar.<sup>1</sup> A escrita não está, portanto, dentro ou fora de uma prática artística. Ela é esse lugar entre. É o próprio trabalho em sua tessitura mais íntima que se entranha no jogo do materialmente produzido, confundindo a própria escrita com seu gesto.

No cambalear entre esses eixos encontra-se o artista, constituído de sua deriva, de sua fala errante<sup>2</sup> – que a linguagem não pode capturar e que permanece nas regiões fronteiriças. Se a linguagem não a alcança, quais caminhos seguir? É preciso ir adiante e iluminar seu horizonte fugidivo, sempre em via de desaparecer. E isso é força motriz para uma escrita poética do gesto, que está mais próximo de um “agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir”.<sup>3</sup>

Os trabalhos estão tomados por essa partida no porvir, desejo de encontrar um lugar que não está na miragem, mas nas paisagens impossíveis em que um barco, essa espécie de lugar sem lu-

gar, navega para transformar-se em ilha errante. Nessa paisagem movente os instrumentos de navegação são passageiros e guia do perder-se. Então, o ato criador opera como uma navegação para o desencontro.

Esses caminhos se bifurcam, formando um conjunto de linhas diversas em uma cartografia da partida. Compõe-se essa investigação por um conjunto de trabalhos que podem ser compreendidos como vestígio de um caminhar poético que, ao ser atravessado, torna-se mapa aberto, carregado de incompletude, de constantes “avessamentos”, em reversibilidade e mutação infindas. Aproximam-se, em certa medida, ao mapa de Lewis Carroll: *“Other maps are such shapes with their islands and capes! But we’ve got our brave captain to thank (So the crew would protest) that he’s bought us the best – A perfect and absolute blank”*.<sup>4</sup>

Desse mapa, poderíamos pensar que, por ser em branco, talvez seja o mais preciso dos mapas, uma vez que em seu completo apagamento pode alcançar todos os lugares e todas as fábulas. Como um desencontro da palavra, Carrow cria camadas, superfícies do não senso em suas narrativas, cujas desconexões podem dar conta do universo inteiro.<sup>5</sup> A inscrição poética tem essa natureza inacabada, está sempre em via do fazer-se. E, por isso, encontro com a palavra como uma potência futura que apenas traça linhas desconexas e diagramas imprecisos.

Em meio às falas que da palavra emanam, é possível perceber as camadas moventes dos vestígios que a instauram. Suspeito que a palavra seja linha que se desfaz em nó. Talvez esteja aí o cosmo da desorientação e o evidenciar-se do gesto criador. Em uma existência em devir, a palavra habita uma zona de indiscernibilidade de tal

maneira que não é mais possível reconhecê-la. O artista, impulsionado por isto que nada fala, transfigura seu gesto em “língua estrangeira”.<sup>6</sup> Como nos ensina Broodthaers ao reinventar as possibilidades infinitas do gesto: “*An artist does not construct a volume. He writes a volume*”.<sup>7</sup>

Trata-se de um labirinto no qual podemos criar uma espécie de parábola em que omitir a palavra seja, talvez, o modo mais enfático de buscá-la. Nesse espaço incongruente cada gesto constitui-se também de linha errante que se faz e se desfaz. Com um olhar avessado essas linhas nômades formam arquipélagos poéticos que ora se conectam, ora se distanciam. Ora escorregam por entre gestos-imagens, ora deixam o vestígio de seu abismo.

O espaço, em que se dá essa escrita circular e deslocante está preenchido por rastros invisíveis de uma narrativa singular. Ela se constitui de horizonte tomado por sulcos de linhas instáveis. Talvez esteja aí o estado cambaleante do gesto criador que, marcado apenas por suaves traços, está em constante movimento.

Nesse sentido, na inquietude do gesto labiríntico, aquele que cria transmuta-se em fábula de um ser vagante. Ele está carregado por um desejo de ser menir ou de ser invadido por sua potência que, na solidez de sua existência e fincado sobre o território, nada diz, apenas é. Menir é objeto simples que carrega consigo essa potência arrebatadora de um reencontro com o espaço, o lugar.<sup>8</sup> O gesto de erguer uma pedra abisma o humano que diante da linha do horizonte se encontra impulsionado para uma paisagem sem território, sem tempo, sem lugar. Eis o menir do artista que em devir errático transmuta seu território em um lugar do nenhum. A verticalidade simbólica do menir sinaliza em um

espaço poético o gesto em aparente desaparecimento, mas que se presentifica neste encontro entre o menir, a linha vertical e o horizonte, que é a miragem de um lugar quase conhecido. Os menires pré-históricos eram usados como orientação territorial, “uma espécie de guia esculpido na paisagem que conduzia o viajante ao seu destino, orientando-o de um sinal a outro ao longo das rotas intercontinentais”.<sup>9</sup>

O menir do ato criador carrega inscrições antigônicas às paleolíticas; ele é, no espaço poético, instrumento para o perder-se. Nas marcas do menir há uma cartografia do desencontro, da desorientação. Ante os vestígios de uma narrativa sobre o menir poético, traçamos uma rota. Diante desse devir-menir a paisagem se desfaz e indica o descaminho, indica uma existência em desalinho. Sou menir em estado de partida. No desaparecimento do artista o menir se ergue.

Procura-se, assim, coletar os vestígios da jornada, em uma tentativa de recordar o que, na fugacidade do gesto, desaparece. O que resta? Os mapas, traços, rastros. Talvez por isso, muitos usam o recurso da caminhada como tentativa do encontro com o perder-se. Segundo Michel de Certeau,<sup>10</sup> o caminhar tem proximidade com os mapas, de maneira que esses transcrevam trajetórias e traços, dando uma forma por meio de linhas e curvas – vazias ou cheias. Podemos estabelecer um paralelo entre o vestígio da palavra e o caminhar. Não seriam as cartografias narrativas desenhadas? O artista sente a palavra como linha emaranhada. As anotações criadoras são nessa perspectiva como mapas imaginários, como palavras que estão sempre se remetendo à ausência daquilo que já passou. Afinal,

*As palavras, como sabemos, têm o poder de fazer desaparecer as coisas, de as fazer aparecer enquanto desaparecidas, a aparência que nada*

*mais é senão a de um desaparecimento, presença que, por sua vez, retorna à ausência pelo movimento de erosão e de usura que é a alma e a vida das palavras. (...) Mas tendo esse poder de fazer as coisas 'erguerem-se' no seio de sua ausência, senhoras dessa ausência, as palavras também têm o poder de se dissiparem a si mesmas, de se tornarem maravilhosamente ausentes no seio de tudo o que realizam.*<sup>11</sup>

O ato de ir e vir do gesto criador, de vagar no espaço traça uma linha que vive em estado de reversibilidade, de mutação. O traço metamorfoseia a prática do caminhar do gesto intermitente para viver em constante estado de desfazimento. Os mapas do ser movente possuem todas as formas, sempre em estado de reconstrução. Nesse traçar e retraçar o caminhar, o navegar vai construindo narrativas. E, por isso, esse perder-se no espaço em desaparecimento fatura o trajeto para permitir o aflorar das fábulas.

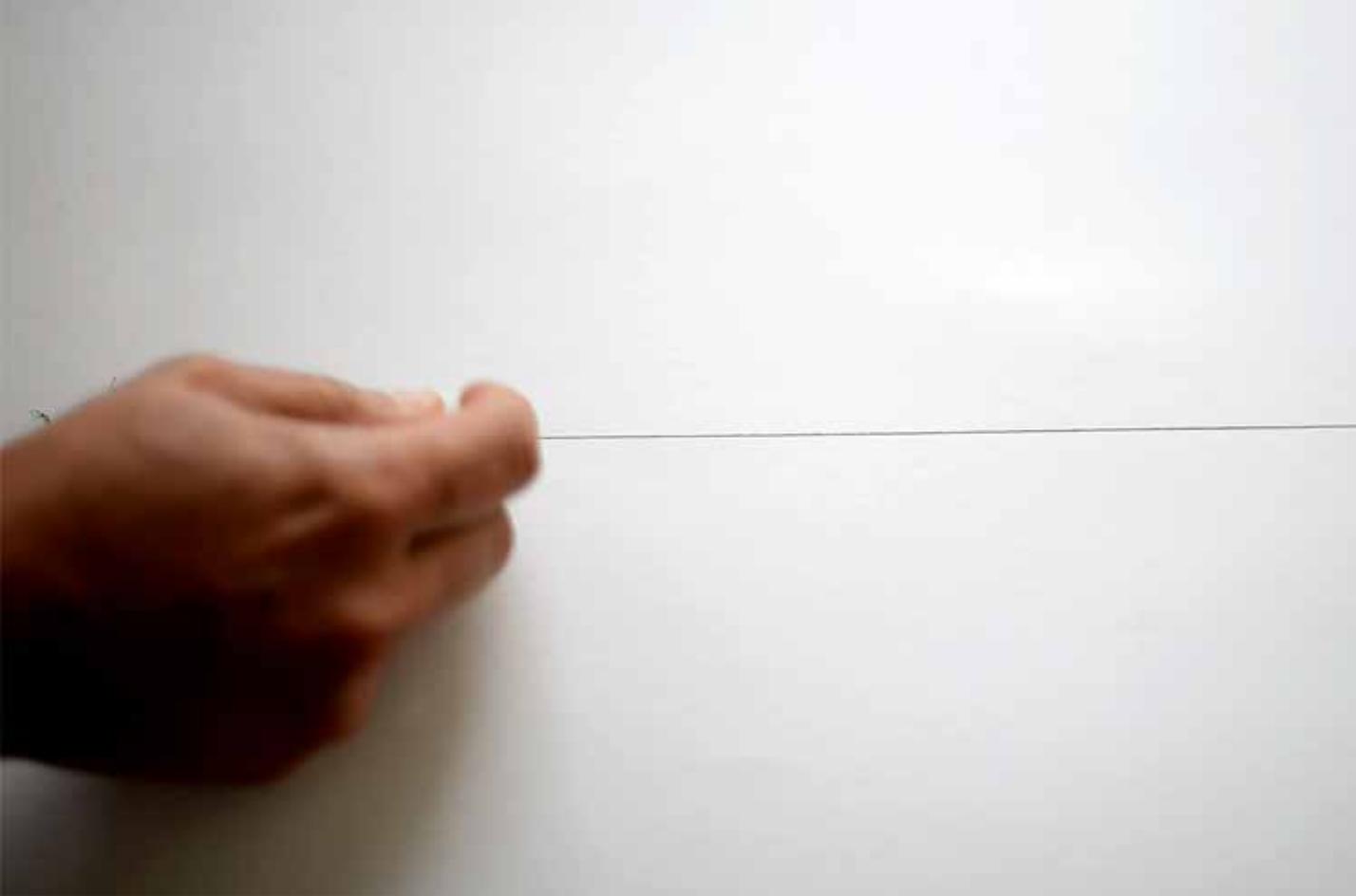
É o que faz Francis Alys, artista que vive nesse encontro entre uma existência deambulante e o gesto de um devir-menir. Entre o construir e desconstruir espaços, Alys vai traçando suas fábulas: *"Whereas the highly rational societies of the Renaissance felt the need to create utopias, we in our times must create fables"*.<sup>12</sup> Com seu gesto criador, Alys habita todos os lugares, potencializando a existência de universo de acolhimento e poesia. É na percepção de seu habitar que o menir, em devir, se ergue. Na paisagem de Francis Alys, o horizonte caminha com o artista, confunde-se com ele, atualizando o espaço em que cada gesto é um reescrever: *"Each of my interventions is another fragment of the story I am inventing"*.<sup>13</sup>

Talvez haja no gesto algo que se desvencilha e passa a caminhar só, sem rumo: um desenhar cartografando. Desenhar já carrega em si essa busca de algum vestígio de um espaço fora. Há

esse diálogo entre o suporte e a inscrição, entre o corpo e a ação. No instante em que a inscrição assume presença e imagem expressiva, algo se desvanece. Ao mesmo tempo em que o traço em seu acúmulo vai ocupando o suporte, essa inscrição parte desta que, no final do ato, desaparece: a superfície. Isso evidencia uma cumplicidade entre a inscrição e a superfície. A inscrição não pode existir sem a superfície que a acolhe, e essa, ao acolhê-la, se desfaz.

O papel enquanto plano de fundo não existe, pois ele é antes de tudo um espaço aberto criado pela marca. Há certa relação de reciprocidade entre existir e desaparecer na essência do desenho. A partir dessa concepção, Badiou comenta que, no desenhar, a indagação em Hamlet – "ser ou não ser?, eis a questão"<sup>14</sup> – é na realidade outra: ser e não ser, existir e desaparecer. *"To be and not to be."*<sup>15</sup> É nesse ponto que a força da fragilidade do desenho se evidencia, pois a linha e a superfície não existem simplesmente, mas têm em sua essência o paradoxo do existir e do desaparecer. O artista segue a linha por caminhos desconexos. Perde-se nesse espaço que se faz presente. Essa percepção é força motora de um movimento criador que nunca cessa.

Nesse percurso procurei esvaziar as ações das miragens da imagem para encontrar a potência de uma paisagem impossível, de lugar do nenhum, como por um encontro com a potência do gesto. *Gesto indelével* (2014) é uma videoinstalação que, acionada em *looping*, exhibe a repetição infinita do apagamento do traço. A linha horizontal corta a imagem em duas partes iguais para em seguida ser apagada. Nessa ação se evidenciam as "oscilações de quem quer ver a linha nascer enquanto o rio morre no mar".<sup>16</sup> A linha busca um lugar longínquo por meio de um conciso desenho que transforma a paisagem-miragem.

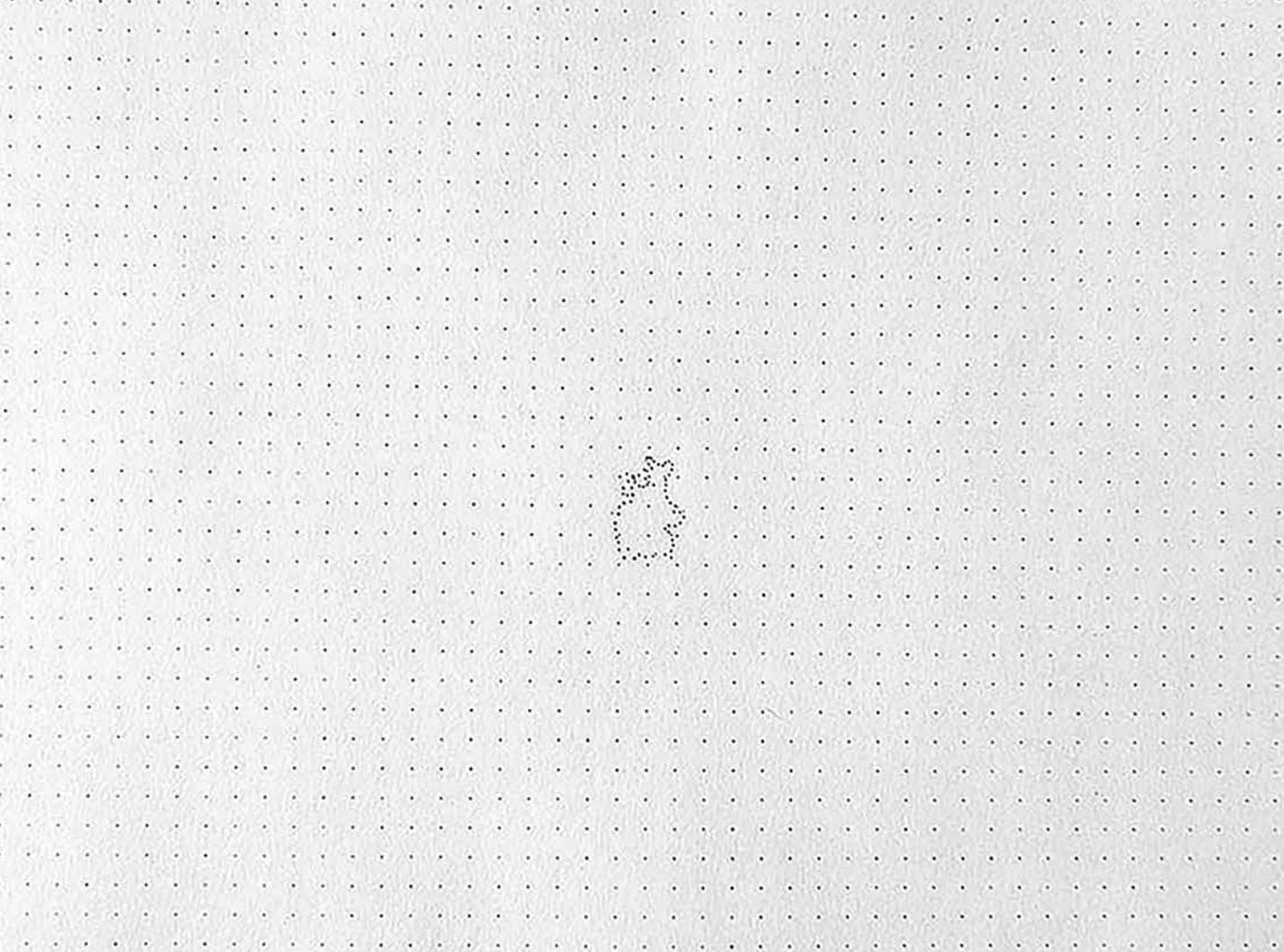


*Gesto Indelével* (2014), vídeo em looping, still de vídeo

Com o corpo há a tentativa de buscar o apagamento da linha, mas o apagar acaba por se tornar uma (re)construção ou pode ser entendido como uma forma de aparição do mapa universal que é a folha em branco. A linha, então, ressurge como se esse espaço-tempo vivesse dentro de um circuito de Moebius. O gesto de apagamento já carrega consigo a linha indelével. No ir e vir da linha a existência se dá no instante entre o desaparecer e o reaparecer. Essa paisagem é fala que emudece e rompe com o desejo do encontrar-se. E nisso o horizonte é linha e apagamento que permite o brotar do gesto, nos vestígios da ausência. No encontro com a paisagem íntima

tornamo-nos timoneiro em vertigem em um infindo partir.

Nesse processo há uma constante: um sistema de notas do percurso dessa deriva do pensamento. Repetiu-se nesse ato o reencontro do corpo com a escritura, com formas e linhas que constroem uma espécie de malha do navegar. *Anotações*, trabalho iniciado em 2012, é como uma tessitura que, por meio da repetição de padrões, pretende evidenciar a trama, o todo que é esse sistema de urdiduras esgarçadas, de um texto-textura. Com um traçar de formas que aparentemente se pretendiam circulares, o suporte vai sendo tomado por esse vestígio de um ato que vive no espaço da



*Ilha* (2015), desenho, furos sobre papel  
Detalhe do trabalho. 14,8 x 21 cm, coleção da artista

eterna partida. Por diversos momentos esse ato se repete e se inicia da mesma maneira: da esquerda para a direita, de cima para baixo, cada quase círculo é desenhado; constrói-se essa espécie de escrita em devir, de uma escrita que não chega, vive na iminência de sua chegada, construindo caminhos no “entre” essas pequenas formas.

Há nesse trabalho duas etapas: a primeira se constitui dos momentos de encontro de meu corpo com a superfície do papel, que carrega o peso do nó de cada ponto desenhado; a se-

gunda é a construção das grandes malhas, dos conjuntos que deslocam o escrever por formas em percursos, caminhos. As palavras estão em devir, tornam-se formas, linhas desconexas, desencontradas. Essas linhas são palavras desfeitas. O que se vê é uma espécie de rabisco que preenche a quase totalidade da superfície, mas que, apesar de tornar o fundo branco uma superfície de tessituras e riscos, ainda permite o evidenciar pequenas lacunas, brechas. Essas são percursos, alguns deles atravessados pela leveza do traço da

vermelha linha. Com um corpo tomado por esses microtransbordamentos, o gesto caminha no desejo de uma narrativa emudecida, de uma escrita desconhecida.

*Anotações* (2012-2016) é desenho que nunca cessa, que não pretende uma conclusão, um fim, mas, sim, a experiência do encontro com essas notas de uma deriva poética, como um corpo incansável que vai traçando territórios e coordenadas, guardadas nos sulcos desse emaranhado de inscrições, de uma escrita em devir. Cada desenho é um dia no tempo do trabalho, numa busca sistemática e intensa do encontro com esse tempo-espço.

Com o tracejar, a ação furiosa e devoradora de si própria semeia os vestígios de um despertar para um tempo desabitado. É, então, importante pensar em instrumentos que possam guiar, alcançar esse lugar que uma escrita em devir insinua apontar. O que brota, contudo, é o encontro inevitável com o fracasso. O desenho que compõe essas linhas parte de um lugar cartografado no mapa. Para os olhos do sonhador, porém, os mapas são formas, linhas emaranhadas em uma existência no espaço labiríntico do porvir. É nesse espectro poético que *Continente* (2015) se mostra como um desencontro de linhas, desconstruindo formas já existentes. Elas constroem com idas e vindas,

*Monumento* (2013), vídeo em looping, still de vídeo



tangenciando e sobrepondo-se umas às outras, em uma espécie de labirinto, em que o espaço está em processo, em um permanente “vir a ser”, “tornar-se”.

A colagem presente nesse trabalho traz o aprendizado de um jogo, um quebra-cabeça que permite visitar as formas. O desenho se constrói em um movimento de desmonte de um lugar existente, de uma península, que vai sendo desfeita pouco a pouco como um quebra-cabeça, para em seguida recriar com suas linhas novas imagens. Com isso, as formas estão estruturadas em ritmo contínuo de construção e desconstrução, descentrado como uma mancha que se espalha, mas que ao mesmo tempo parece se mostrar como uma narrativa de odisséias inconclusas.

O desfazimento das formas carrega o aprendizado de um encontro com o caminhar por entre espaços abertos e amplos ou, ainda, como uma caçada por um *snark*, animal misterioso e imaginário que Lewis Carroll narrou em *The hunting of the snark*.<sup>17</sup> “He had bought a large map representing the sea, without the least vestige of land: And the crew were much pleased when they found it to be a map they could all understand.”<sup>18</sup> Sem qualquer vestígio de terra, os mapas tornam-se rastros de ausências e linhas. No enigma dessas linhas em estado de devir-mapa as formas são meros cacos de um navegar, de um caminhar.

Em algum momento desses quatro anos me defrontei com uma notícia sobre o misterioso surgimento de crateras gigantescas na Sibéria. Nenhum cientista foi capaz de explicar como aquele buraco poderia repentinamente ter surgido naquela península chamada de Yamal. Percebi que essa notícia carregava o vestígio desse lugar desejante, desse lugar inencontrável, pois

ELE era constituído por uma existência em (des) aparição. Lugar inóspito, com solo que se consume. Mesmo sem nunca ter ido a Yamal, sentia que havia nesse lugar uma proximidade estranha e movente. Assim como um deserto, que possui paisagem inconstante e múltipla devido aos ventos movedores de dunas, Yamal possui solo em estado fragmentação.

As formas e linhas das manchas que observava permitiam o encontro com os desafios da caçada poética por esse lugar que ora parecia mostrar-se em manchetes de notícias, ora consistia em formas avistadas nos cantos e espaços do cotidiano. E tomada pela ludicidade dessa observação, sentia que revelava um oculto continente. Diante de mim estavam guardados os vestígios de um cartograma de *Yamal* (2015) ou ao menos a primeira evidência de um possível designo. Sobre a mesa do ateliê uma tela plástica fina e debaixo dela manchas de tintas encrustadas nos sulcos da madeira. Eis que nesse encontro fortuito surge outro mapa de Yamal. Esse lugar em devir, que se tornou um território, talvez carregue certa proximidade com aquele mesmo mapa que tinha encontrado, ou ainda, talvez seja ele que venha ao meu encontro. As formas reveladas transformam-se em espaço vacante.

No percurso desse pensamento, o trabalho *Ilha* (2015) se descola, composto por desenhos realizados com furos de alfinete em papel A5. As formas desenhadas são três mares fechados: mar Morto, Aral e Cáspio. A dimensão do papel e a quase impossibilidade de observação do desenho convidam o observador a se aproximar para que isso revele o latente desenho. Os mares são ilhas não visíveis cartografadas a partir de um quase apagamento do lugar, do desenho e, ao mesmo tempo, a mais profunda presença desse



*Desfazimento* (2013), 70', performance, still de vídeo

vestígio do gesto. Indelével, o desenho arrebatava esse índice de um quase lugar.

Durante o percurso de construção desses trabalhos, muitas das transformações internas que deram mobilidade a meus gestos criadores foram impulsionadas por uma partida iminente e pelo desejo de encontrar nessa partida os horizontes que compõem a paisagem, como no trabalho

*Monumento* (2013). Trata-se de um vídeo em *looping* que apresenta a imagem de um balão amarrado em uma pedra de gelo. O trabalho está constituído por uma estrutura fadada a desaparecer e pela força de sua verticalidade, que escorre no derreter do gelo. Resistirá o balão à partida iminente? Como um metrônomo, o movimento de seu ir e vir, na resistência do ar, o

balão cadencia o tempo de espera. O vídeo que em repetição constante permite o esgarçamento do tempo, do ritmo, tensiona uma liberdade por vir. Com o tempo represado na impermanência do objeto, o vento de sopro rítmico evidencia sua equação: tempo/liberdade. Condenado a desaparecer pela ação do tempo, tornando o espectador cúmplice de seu desaparecimento, o objeto escorre na espera da chegada de uma partida. O tempo tornado evento a nossos olhos nos impõe a espera. A promessa da partida aprisiona, a cada instante de movimento do balão, evidenciando a tensão que se interpõe na linha tênue que separa a liberdade do aprisionamento. *Monumento* (2013) parece ser uma alegoria do sentimento do porvir, do futuro, mas seu acontecimento parece compor o próprio instante em espera que, ao prometer a liberdade do balão, prende o observador à obra. Precariedade e efemeridade fazem desse projeto um avesso do monumento, pois sua frágil e sugestiva verticalidade é apenas temporária e coloca o espectador como testemunhas de uma promessa de liberdade.

Durante minhas pesquisas realizei encontros periódicos com minha avó. A cada visita buscava fazer as mesmas perguntas e tentava realizar o mesmo diálogo de meu primeiro encontro nestes últimos quatro anos. O diálogo, contudo, foi ficando mais vago, curto e silencioso. Pouco a pouco essa vivência se desfez e contaminou a prática artística. Então, passei a pensar nos hiatos, nas fragmentações como formas de dilatação do tempo. E, em meio a essas reflexões, o trabalho *Desfazimento* (2013) se construiu. Trata-se de uma ação que consiste sucintamente no desfazer de um vestido de minha avó por meio da ação simples do descosturar, ponto a ponto. Esse ato carrega certa natureza de dilatação do tempo devido à morosidade empregada na ação. Realizar

essa performance permite que o gesto da ação abisme no que Bachelard chama de “espaço de intimidade”.<sup>19</sup> Um espaço interior que atravessa o desejo em que o romper dos nós é como “viver um acontecimento de brancura”.<sup>20</sup> Sobre meu corpo esse traje azul, e em minhas mãos um desfazedor de costura. Nessa proximidade com o tecido, com as linhas, com os objetos, crescia uma costura, escritura.

Nessa iminência da partida cambaleei nos espaços “entre”, lacunares, nos vazios preenchidos de uma consciência sonhadora. No traçar do desenho, imprecisões e movimentos foram revelando múltiplas paisagens e, com isso, vestígios de uma jornada em devir foram reunidos. Sem ponto de ancoragem a navegação criadora constitui-se de gestos indelévels. Logo, o ato criador renasce nos sonhos-ilha, afinal “sonhar ilhas, com angústia ou alegria, pouco importa, é que se está separando, ou que já se está separado, longe dos continentes, que se está só ou perdido; ou então é sonhar que se parte do zero, que se recria, que se recomeça”.<sup>21</sup> Repetidas anotações e cartografias foram desenhando mapas, inscrições, rastros de um lugar do nenhum. Os fragmentos desse lugar se constituem de linha-ventania. No acalantar dos desertos e mares “o sertão está em toda parte”,<sup>22</sup> pois a existência está na vastidão, em um mundo por onde se constroem estratégias para viver o indizível, o inacessível, guardando cada germe de impressão para permitir o nascer de uma “nova claridade”.<sup>23</sup>

## NOTAS

1 Blanchot, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

2 Id., *ibid.*

- 3** Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Mil platôs*, v.1. São Paulo: 1995:19.
- 4** Carroll, Lewis, apud Obrist, Hans Ulrich. *Mapping it out*. London: Thames&Hudson, 2014:9.
- 5** Deleuze, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- 6** Deleuze, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acessado em 20 ago. 2015.
- 7** Bruyn, Eric de. The museum of attractions: Marcel Broodthaers and the section cinema. Disponível em: <[http://www.medienkunstnetz.de/themes/art\\_and\\_cinematography/broodthaers/1/: 36](http://www.medienkunstnetz.de/themes/art_and_cinematography/broodthaers/1/: 36)>. Acessado em fev. 2014.
- 8** Id., *ibid.*
- 9** Id., *ibid.*: 54.
- 10** Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- 11** Blanchot, op. cit.: 37.
- 12** Alys, Francis. Francis Alys. New York: Phaidon, 2011: 61.
- 13** Id., *ibid.*: 78.
- 14** Shakespeare, William. *Hamlet*. In: Badiou, Alain. Drawing. Disponível em: <<http://lacan.com/symptom12/?p=65>>. Acesso em ago. 2015.
- 15** Badiou, op. cit.
- 16** Tesseler, Elida. Uma linha do horizonte e outros alinhamentos prováveis. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27932>>: 34. Acessado em ago. 2015.
- 17** Carroll, Lewis. *The hunting of the snark*. Los Angeles: Tigertale Associates, 2004.
- 18** Id., *ibid.*:19.
- 19** Bachelard, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- 20** Id., *ibid.*: 94.
- 21** Deleuze, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2014:18.
- 22** Rosa, Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001: 24.
- 23** Rilke, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. São Paulo: Globo, 2001.

**Lilian de C. Soares** é artista visual, professora no curso de Comunicação Visual Design/EBA/ UFRJ e doutora em artes visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EBA/UFRJ, na linha de pesquisa Poéticas Interdisciplinares, com a pesquisa de tese intitulada Horizonte indelével, orientada pelo professor doutor Carlos Alberto Murad, da qual este presente artigo deriva.